

# Andreia Santos

[andreia.net5@hotmail.com](mailto:andreia.net5@hotmail.com)

**Famílias e museus: uma relação emergente**

## Resumo

Caracterizados como espaços de memória e cultura, os museus apresentam uma função social e educativa cada vez mais vinculada. Perante isto, torna-se necessário afirmar a sua ligação com os diferentes públicos, através de estratégias que permitam oferecer uma experiência museológica de maior qualidade. Embora apresentem um peso significativo no número de visitantes em museus, as famílias são um dos públicos para os quais ainda poucos museus oferecem programação específica. O presente artigo pretende apresentar, de forma breve, o trabalho desenvolvido no âmbito do Estágio acolhido pela Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. O tema - Famílias em Museus: Proposta para a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio - teve como principal objetivo a apresentação de uma revisão sumária da bibliografia sobre a temática das famílias como visitantes de museus e o desenvolvimento de uma proposta de uma atividade para famílias, remetendo para os estudos já realizados neste campo. A metodologia contemplou, assim, a revisão bibliográfica sobre o tema, a recolha de dados e diagnóstico sobre programas e atividades para famílias oferecidos pelos museus integrantes da rede do Museu da Cidade do Porto e a identificação de casos de “boas práticas” em termos nacionais e internacionais, a integração numa equipa de trabalho dedicada às famílias e a observação e participação em atividades promovidas pelos serviços educativos desses mesmos museus.

## Palavras-chave

Famílias; museus; motivações e comportamentos; setor educativo.

## Nota biográfica

Andreia Santos é licenciada em História com minor em Geografia (2015) pela FLUP e Mestre em Museologia (2018) pela mesma instituição. Desenvolve funções no Turismo da Universidade de Coimbra. Em 2019 ganhou um prémio pela Associação Portuguesa de Museologia na categoria de Estudo sobre Museologia.

## Abstract

Characterized as spaces of memory and culture, museums have an increasingly strong social and educational function. Given this, it is necessary to affirm its connection with different audiences, through strategies that allow to offer a higher quality museum experience. Although they have a significant weight in the number of visitors to museums, families are one of the audiences for which few museums offer specific programming. This article intends to present, briefly, the work developed within the Internship hosted by Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio. The theme - Families in Museums: Proposal for the Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio - had as its main objective the presentation of a summary review of the bibliography on the theme of families as visitors to museums and the development of a proposal for an activity for families, referring to studies already carried out in this field. Thus, the methodology included a literature review on the subject, data collection and diagnosis on programs and activities for families offered by the museums of the Museu da Cidade do Porto network and the identification of cases of “good practices” in national and international terms, the integration in a work team dedicated to families and the observation and participation in activities promoted by the educational services of these same museums.

## Keywords

Families; museums; motivations and behaviors; education sector.

## Biographical note

Andreia Santos has a bachelor's degree in History with a minor in Geography (2015) and a master's degree in Museology (2018), both by FLUP. At the moment has functions in the University of Coimbra Tourism. In 2019 won an award by the Portuguese Association of Museology in the category of Study on Museology.

## Introdução

O conceito, funções e responsabilidades dos museus têm-se alterado ao longo dos tempos, como consequência das mudanças sociais, políticas e culturais. Estas alterações originaram uma nova tipologia de museu, onde este deixa de ser encarado apenas como um local de armazenamento de objetos para também passar a ser identificado como local de aprendizagem. Esta mudança tem levado o museu a dedicar uma maior atenção ao seu público, respondendo às suas diversidades, necessidades e anseios, adotando, para isso, políticas e práticas mais ligadas a este e recorrendo a diferentes e novas estratégias de comunicação (Moderno, 2016, pp. iii, 9; Studart, 2000, p. 14).

Contudo, se os museus pretendem proporcionar experiências significativas aos seus visitantes, é necessário, em primeiro lugar, conhecê-los (Studart, 2000, p. 15). Perante isto, e no âmbito do projeto de redefinição de políticas e práticas de educação para os Museus pertencentes à rede do Museu da Cidade do Porto, coordenado pela Professora Doutora Alice Semedo (2017-18), foram criados três grupos de trabalho dedicados, cada um, a um determinado segmento de público considerado como prioritário numa primeira fase de intervenção –

famílias, seniores e escolas secundárias e profissionais. O objetivo destes grupos passava por criar espaços de reflexão e problematização desse segmento, reconhecendo motivações e identidades próprias. Esta reflexão e maior conhecimento permitiria depois a elaboração de um documento de apoio e o desenvolvimento de competências de trabalho específicas (*toolkits*). As equipas de trabalho integraram técnicos desses Museus e estagiárias do Mestrado em Museologia, pelo que neste caso se integrou o grupo de trabalho para as famílias.

Resultando do Relatório de Estágio intitulado “Famílias em Museus: Proposta para a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio”, orientado pela Professora Doutora Alice Semedo e pela Doutora Inês Ferreira, este artigo tem como objetivo apresentar, de forma sumária, a pesquisa e trabalho realizado no âmbito do Estágio desenvolvido na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, no período de 15 de janeiro a 27 de abril de 2018.

Desta forma, o principal objetivo de trabalho remeteu para a produção de estratégias e programas para famílias, pelo que primeiramente se realizou um diagnóstico e levantamento daquilo que já estava a ser feito neste âmbito, quer nacional quer internacionalmente, e claro, com destaque

para os museus da rede do Museu da Cidade do Porto. Este objetivo acabou por ser alcançado com a proposta de uma atividade, dividida em visita orientada e visita oficina, e de um desdobrável. Contudo, para chegar a este mesmo objetivo foi necessário traçarem-se objetivos mais específicos, nomeadamente:

- Explorar o conceito de “família”, de forma a entender as suas estruturas e composições;
- Perceber a presença das famílias nos museus: motivações, comportamentos e necessidades;
- Demonstrar a relação família-museu, enunciando os seus benefícios e desafios;
- Compreender o que tem sido feito a nível de programas e atividades para famílias nos museus, em especial nos Museus que integram a rede do Museu da Cidade do Porto.

Posto isto, nas próximas páginas será feita uma apresentação sumária dos conteúdos do Relatório de Estágio, seguindo a organização do mesmo. Iniciando assim pelo enquadramento teórico, aborda-se a problemática e os conceitos associados à temática em causa, seguindo-se para a enunciação dos aspetos relacionados com a parte prática do Relatório,

nomeadamente com o estágio realizado na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, e por último, apresenta-se a proposta de atividade e desdobrável para famílias pensado para a Casa-Museu.

## 1. Família ou famílias?

Para se conseguir perceber as dinâmicas da presença familiar nos museus foi necessário, em primeiro lugar, perceber quem são as famílias que os visitam. Mas antes de se partir para a discussão das suas características, estruturas e composições, era crucial ter presente o significado de “família”.

Iniciando pela definição da própria palavra “família”, e recorrendo a um dicionário, tem-se que esta é usada quando se pretende falar de grupos com características idênticas, quer sejam de pessoas, coisas, taxonómicos ou de línguas. Como o grupo de interesse para a investigação era o grupo familiar, ou seja, um grupo de pessoas, levou-se a exploração deste conceito para o âmbito da sociologia. Nesse âmbito, e através da revisão bibliográfica, percebeu-se que a definição tida como clássica era apresentada na obra *Social Structure* de George Murdock, em 1949. Contudo, facilmente se percebeu que essa é uma definição que se encontra desatualizada, não

tendo aplicação perante as estruturas familiares que se encontram na sociedade atual (Amaro, 2006, p. 13). Ainda no âmbito da sociologia, a família é apontada como a unidade social onde ocorrem os processos de socialização mais importantes na vida de cada indivíduo, nomeadamente a construção da sua identidade (Giddens, 1997, citado em Coelho, 2008, p. 15; Gomes, 2015, p. 15).

Mas, mais uma vez, o interesse fulcral era saber como definir família em contexto museológico, questão também levantada por Santos (2014, p. 17) na sua dissertação de mestrado. E a verdade é que esta questão é muito importante, não só pelo motivo apontado, mas também pela razão de os museus e restantes instituições culturais diferirem na forma como definem e encaram os grupos familiares que os visitam. A leitura de diferentes estudos de caso permitiu entender que, e embora a estrutura da definição varie de museu para museu ou entre investigadores, o consenso está em apresentar as famílias como grupos que visitam museus em conjunto e que contém, no mínimo, uma criança e um adulto. Sendo assim vistos como grupos multigeracionais (Santos, 2014, p. 17).

Desta forma, percebeu-se que a definição do termo irá depender se estamos a falar da própria palavra “família”, se falamos de família como grupo social ou ainda se estivermos a

falar de família no contexto museológico. Como Dias (2015, p. 9) aponta, a família, enquanto conceito, cobre uma grande diversidade de experiências e relações, pelo que “o termo família designa uma variedade de formas de organização da vida em comum, as quais são distintas em função dos contextos históricos, sociais e culturais em que se inscrevem” (Dias, 2015, p. 9), pelo que durante a investigação procurou-se entender as várias definições atribuídas a este termo. No entanto, qualquer que seja a definição atribuída a este termo, é crucial que esta incorpore os diferentes tipos e estruturas familiares, devendo, para tal, ser suficientemente abrangente (Borun, Cleghorn e Garfield, 1995, p. 262).

No que toca aos tipos de família, e de forma mais ampla, foi possível compreender a distinção entre a família nuclear, constituída por pais e filhos, e a família extensa, quando a família nuclear se junta a outros parentes como avós, tios, primos; e entre a família de orientação, onde o indivíduo nasce e é criado, e a família de procriação, quando o indivíduo sai da família de orientação para criar a sua própria (Amaro, 2006, p. 71). Quanto às estruturas familiares, sabe-se que estas foram múltiplas no decorrer de diferentes séculos, resultantes de ambientes distintos (Osswald, 2015, p. 34). Assim, encontramos atualmente

famílias com diferentes formas, composições e tamanhos, pelo que Gomes (2015, p. 15) apresentou uma lista com 21 estruturas

familiares possíveis de serem encontradas na sociedade contemporânea, e que podem ser consultadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Estruturas familiares (Fonte: Gomes, 2015, p. 15).

Designação	Composição
<b>Família díade nuclear</b>	Casal sem filhos
<b>Família grávida</b>	A mulher está grávida, independentemente da restante estrutura
<b>Família nuclear ou simples</b>	Pais e filhos
<b>Família alargada ou extensa</b>	Progenitores e filhos que coabitam com ascendentes ou descendentes, consanguíneos ou não
<b>Família com prole extensa ou numerosa</b>	Família com jovens de idades muito diferentes, independentemente da restante estrutura
<b>Família reconstruída, combinada ou recombinada</b>	Família com nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores
<b>Família homossexual</b>	União conjugal entre duas pessoas do mesmo sexo
<b>Família monoparental</b>	Um progenitor e filhos
<b>Família <i>dança a dois</i></b>	Família constituída por familiares de sangue ou não, sem relação conjugal ou parental – avós e netos; tios e sobrinhos
<b>Família unitária</b>	Pessoa que vive sozinha independentemente de relação conjugal sem coabitação
<b>Família de coabitação</b>	Pessoas que vivem juntas sem qualquer relação parental ou conjugal
<b>Família comunitária</b>	Várias famílias que coabitam (seitas, ciganos, comunas)
<b>Família hospedeira</b>	Receção temporária de elemento exterior à família
<b>Família adotiva</b>	Adoção de outras crianças
<b>Família consanguínea</b>	Existe uma relação conjugal consanguínea
<b>Família com dependente</b>	Elemento dependente dos cuidados dos outros
<b>Família acordeão</b>	Cônjuges ausentes por períodos prolongados

<b>Família flutuante</b>	Elementos mudam constantemente de habitação ou o progenitor muda constantemente de parceiro
<b>Família múltipla</b>	Certo elemento integra mais do que uma família
<b>Família com fantasma</b>	Falecimento de alguém, rapto ou desaparecimento que impede o normal funcionamento da restante família
<b>Família descontrolada</b>	Elemento da família tem problemas crónicos de comportamento

Percebendo assim, de forma breve, as diferentes vertentes do conceito de “família” e reconhecendo que existem diferentes tipos e estruturas familiares, torna-se cultural e socialmente mais apropriado discutir “famílias” do que “a família” (Sterry e Beumont, 2005, p. 6). Posto isto, foi possível avançar para a presença deste grupo nos museus, procurando entender as suas motivações e comportamentos durante a visita aos mesmos.

## 2. As famílias como visitantes de museu

Para o trabalho em causa não bastava conhecer quem são os grupos familiares que visitam museus, era necessário também compreender a forma como as visitas familiares decorrem, permitindo conhecer mais aprofundadamente esse público e perceber as dinâmicas das suas visitas, nomeadamente as motivações, comportamentos e necessidades. É claro que cada caso é um caso, mas a leitura de alguns

estudos realizados permitiu registar certos apontamentos.

Para além de uma experiência coletiva, a visita em família é também apontada como uma experiência individual (Jonchéry e Biraud, 2014, p. 88), sendo tanto um ato social como um ato de aprendizagem. As famílias visitam museus por diversos fatores, mas o principal é claramente para passarem tempo em família, interagindo e convivendo, e onde se pretende sempre que exista diversão e entretenimento, mas também aprendizagem e descoberta. O interesse das crianças é também uma das motivações mais apontadas (Semedo, Ganga e Rocha, 2018, p. 68; Wu, 2007, p. 12).

Independentemente das razões que levam as famílias a visitar museus, são os seus comportamentos durante a visita que denunciam a sua experiência museológica. Esses comportamentos vão variar conforme os interesses e expectativas de cada um, a familiaridade com o museu, a idade das crianças e as relações estabelecidas entre os

membros da família. Embora sejam vários, os comportamentos familiares na visita ao museu são muitas vezes sistemáticos, ordeiros e previsíveis (Falk, 1991, p. 50; Hilke, 1989, p. 121; Jonchéry e Biraud, 2014, p. 90). No entanto, o comportamento mais comum é o de passar pelas exposições, olhando e parando apenas quando avistam algo que desperta o seu interesse (Choya, 2008, p. 17), naquilo que Diamond (1986, p. 144) designou de *shop around*. Na sua pesquisa, esta autora observou 22 comportamentos familiares, divididos entre as categorias “aproximar e afastar”, “observar”, “manipular”, “ler”, “mostrar e informar”, “discutir”, “interagir com outros grupos”, “outros” (Diamond, 1986, pp. 143, 146). Quanto aos comportamentos parentais/dos adultos, em específico, Brown (1995, pp. 67-68) identificou oito tipos: zelador, suporte, ajudante, iniciante, assistente, parceiro, líder e demonstrador.

Vários estudos mostram que a visita ao museu é condicionada por certas necessidades, a que as famílias não são exceção (Hooper-Greenhill, 1998, p. 140). Quando um grupo familiar planeia visitar um museu, ele considera diversos aspetos, por exemplo as despesas com transporte; o horário do museu; o tempo de espera para entrar; o preço dos bilhetes; o acesso físico (rampas e/ou elevadores); a existência de bengaleiro; a oferta de atividades

para toda a família; locais para o cuidado das crianças, como é o caso de um WC com fraldário; locais para descansar e para alimentação (Santos, 2014, p. 19). Estas necessidades adquirem a forma de desafios para os museus, que ao serem ultrapassados acabam por reforçar a relação entre estes e as famílias que os visitam.

## 2.1. A relação família-museu

Vista a importância de conhecer os grupos familiares que visitam museus, interessou de seguida compreender os moldes em que a relação família-museu se apresenta.

Numa era em que as famílias mudam tão rapidamente e precisam continuamente de encontrar a sua identidade, em que os museus se deparam com a urgência de atrair públicos e apoios para justificarem a sua função na sociedade, o desenvolvimento da relação entre museus e famílias pode ser extremamente benéfico para ambos. (Ferreira, 2001, p. 11).

Esta relação é, assim, de simbiose, apresentando benefícios para cada uma das partes, pelo que é uma relação que deve

crescer e evoluir no futuro (Ferreira, 2001, p. 14).

Para as famílias, o museu é um bom local para se partilhar conhecimentos e valores e onde se consegue perceber melhor os interesses, capacidades, comportamentos e ritmos de cada elemento, mas em especial das crianças, por ser um local que estimula a curiosidade e criatividade. Já para os museus, é benéfico desenvolver e manter uma relação com as famílias, pois estas são um grupo significativo no número de visitantes, para além de que é no seu seio que se incutem as práticas culturais nas crianças (os futuros visitantes de museus). Para além disto, o museu ganha ao cativar e a programar para famílias pois contraria a imagem de ser um lugar elitista e não adequado a crianças (Ferreira, 2001, pp. 9-10; Ferreira, 2005, pp. 55-57; Santos, 2014, pp. 3-4, 20).

Mas se esta relação apresenta benefícios, apresenta também os seus desafios. De forma geral, o museu quando recebe famílias é desafiado a pensar os seus conteúdos museológicos, exposições, atividades e restantes serviços de forma apelativa e relevante para as novas estruturas familiares, permitindo a participação de qualquer elemento da família, e para isso, mediando as diferenças entre as necessidades dos adultos e as das crianças (Hood, 2008, p. 151; Hooper-

Greenhill, 1998, p. 34; Denver Art Museum, 2013, p. 17).

Por seu lado, os desafios para as famílias quando visitam o museu podem incidir em três momentos distintos: o antes, durante e o pós visita. Antes da visita, o desafio para os grupos familiares pode passar por realizar uma pesquisa sobre o museu, conhecendo previamente o seu espaço e funcionamento; durante a visita, a família tem um desafio muito importante, o de não considerar apenas os interesses e necessidades das crianças, mas sim o de todos os elementos familiares; já na pós-visita, a família tem o desafio de discutir, em conjunto, aquilo que viu e vivenciou no museu (Blue Star Families, sem data, p. 2; Denver Art Museum, 2013, p. 17; Guggenheim, 2016, p. 3).

Segundo Gaskins (2016, p. 451), alguns museus têm debruçado uma maior atenção no reconhecimento e resposta aos interesses, capacidades e necessidades dos seus públicos, tendo noção que as famílias os veem, cada vez mais, como um espaço adequado para aproveitarem o seu tempo livre. Na realidade, é esta a ação que se espera dos museus, que identifiquem as necessidades e carências das famílias, tornando os seus espaços e serviços adequados à sua receção (Santos, 2014, p. 19). Ou seja, que se tornem espaços *family friendly*, onde as famílias são bem-vindas.

Um museu que pretenda ser *family friendly* deve, primeiramente, conhecer as famílias que o visita; olhar para o seu espaço e pensar se a acessibilidade e conforto físico, cultural e psicológico estão assegurados; estabelecer relações entre o seu acervo e a vida familiar, ou pensar em temas cativantes para as famílias, e que possam ser desenvolvidos com o seu acervo; divulgar-se como espaço aberto e de suporte a qualquer estrutura familiar. Essa “amizade” será depois sentida pelas famílias através da acessibilidade e do espaço físico do museu, na atitude e comportamento dos seus profissionais e na programação pensada para si.

É neste âmbito que entra a importância dos estudos de público, responsabilidade social dos museus, tal como descreve o artigo 57º da Lei Quadro dos Museus Portugueses. A sua aplicação permite uma melhor compreensão da experiência museológica familiar (Stuart, 2000, p. 16), permitindo aos museus oferecer experiências mais significativas e relevantes para as famílias que os visitam.

### **3. Aplicar na prática: programação para famílias**

A revisão bibliográfica sobre a temática permitiu compreender que a visita familiar ao

museu é recheada de oportunidades e potencialidades, mas que ainda assim, a oferta destinada especificamente para este grupo, quer em termos de bibliografia, programação ou materiais de apoio, é muito reduzida (Ferreira, 2001, p. 8). Terminando a revisão dos conteúdos mais teóricos e da temática em causa, a segunda parte do Relatório remeteu para a parte prática do trabalho, nomeadamente para os aspetos relacionados com o estágio realizado na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Como local de acolhimento desse estágio, interessa fazer uns breves apontamentos de contextualização à Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, que se localiza na Rua Nossa Senhora de Fátima, no Porto, num edifício dos anos 50. Foi a figura que lhe dá nome, Marta Ortigão Sampaio, juntamente com o marido, Armando Sequeira, que encomendou a construção do edifício aos arquitetos José Carlos Loureiro e Pádua Ramos. Marta Ortigão acabaria por falecer em 1978, data em que, conforme o seu testamento, as suas coleções privadas foram legadas à Câmara Municipal do Porto. No testamento era ainda deixado o pedido que essas coleções constituíssem o recheio do edifício da Rua Nossa Senhora de Fátima e que aí se criasse o Museu de Artes Decorativas S.O.S.S. (Sousa Ortigão Sampaio Sequeira) (Almeida, 2003, p. 16; Câmara Municipal do

Porto, 1996, p. 14). A Casa-Museu apresenta uma exposição permanente que recria os ambientes e espaços onde Marta Ortigão e a família terão vivido, num acervo distribuído por três áreas temáticas essenciais: a pintura, a coleção de ourivesaria e as artes decorativas (“Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio”, 2010).

O estágio na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio começou pela integração na Casa-Museu, conhecendo-se a equipa, as salas de exposição, as coleções e, simultaneamente, a entender o serviço educativo: a equipa, o funcionamento e as propostas educativas. O cronograma de estágio foi elaborado contemplando quatro momentos essenciais, que no fundo se traduziram nas tarefas e atividades a desenvolver: pesquisa e consulta documental, obtendo mais conhecimento sobre a problemática, mas também sobre a instituição de acolhimento; o acompanhamento e auxílio nas ações educativas promovidas pelo serviço educativo da Casa-Museu; a participação e presença em *workshops* e conferências, permitindo o contacto e descoberta de outras realidades museológicas; e a integração no grupo de trabalho para famílias, desenvolvido no contexto de reestruturação do sector de educação do Museu da Cidade do Porto e onde foi possível estabelecer um contacto importante com profissionais de museus.

Ora, as atividades realizadas no decorrer do estágio permitiram o reconhecimento dos espaços e do funcionamento da Casa-Museu, ao mesmo tempo que permitiram o contacto com o público que o visita. Este facto foi extremamente importante para a proposta de atividade e desdobrável, uma vez que para se desenvolverem programas e atividades nos museus é crucial entender de que maneira as famílias contemporâneas se organizam, uma vez que essa organização tem influência nas motivações, interesses e necessidades durante a visita (Santos, 2014, p. 18).

### 3.1. Proposta de atividade e desdobrável

Perante o cenário apresentado e como resultado do estágio realizado, propôs-se uma atividade para famílias, para aplicação na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, sob a forma de visita orientada articulada com uma visita oficina, e de um desdobrável como material de apoio.

A atividade proposta, *A arte de retratar – Uma visita com Aurélia de Sousa*, teve como tema o retrato, e o pretendido a nível de objetivos gerais, mas entendendo que cada uma das componentes tem os seus objetivos específicos, era dotar a Casa-Museu com uma

oferta específica para famílias e potenciar a relação entre estas e a Casa-Museu e a sua coleção de retratos.

A visita orientada, e daí o subtítulo da atividade, foi proposta de forma a assentar na metodologia do *roleplay*, onde alguém encarnando a pintora Aurélia de Sousa orientaria os visitantes pela exploração dos retratos expostos na Casa-Museu. Já a proposta da visita oficina tinha como base a construção de uma máquina fotográfica estenopeica, ou *pinhole*, como geralmente é conhecida, e depois o desafio de cada família criar o seu próprio retrato, seguindo uma das técnicas que Aurélia de Sousa utilizava – o de se fotografar primeiro na pose em que pretendia ser (auto)retratada e só depois realizar o (auto)retrato no suporte pretendido.

Considerando que as famílias têm horários que podem não ser compatíveis com os horários dos museus, e do seu *staff*, ou que, em outras situações, podem não ter interesse em participar nas atividades oferecidas, optou-se por também criar um desdobrável como material de apoio às visitas familiares. O principal objetivo para o seu desenvolvimento foi fornecer conteúdos e exemplos de exercícios de exploração, para que as famílias pudessem, ao seu ritmo, explorar alguns dos retratos expostos na Casa-Museu.

## Considerações finais

Seguindo a organização do Relatório de Estágio, iniciou-se este artigo com a definição de “família”, entendendo-se que a mesma é um grupo social diversificado, com diferentes características e estruturas entre si. Verificou-se também que a definição em contexto museológico aponta a família como sendo um grupo multigeracional que contém, no mínimo, uma criança e um adulto. No entanto, considera-se que esta não é a definição mais acertada, uma vez que não inclui todas as estruturas familiares presentes na sociedade atual e apresentadas na tabela 1. Por este motivo julga-se pertinente que os museus reconsiderem a sua definição de família, de forma a incluir as diferentes e novas estruturas familiares.

A mudança nas estruturas familiares traduz-se em famílias com novos interesses e necessidades. Uma vez que a composição familiar acaba por influenciar as motivações e necessidades do grupo durante a visita, os estudos de público são extremamente importantes, para que os museus conheçam quem os visita e consigam oferecer experiências relevantes para essas audiências. E embora cada família possa ter as suas razões pessoais para visitar museus, percebeu-se que existem motivações comuns e com um maior

peso na decisão final, nomeadamente a procura de momentos em família, para entretenimento e interação social, mas também para aprender. De facto, acredita-se que a visita decorre da concordância entre os vários interesses dos membros da família, existindo um cruzamento de várias motivações (Santos, 2014, p. 21).

Durante a visita ao museu, os grupos familiares, como qualquer outro visitante, poderão sentir necessidades específicas, que por vezes, quando previamente identificadas, podem influenciar a decisão final em visitar ou não o museu. Os museus devem colocar-se no lugar das famílias, com o objetivo de as conhecerem melhor, reconhecendo e respondendo às suas necessidades e interesses, numa tentativa de cativar mais famílias, e também para se tornarem espaços “*family friendly*”. A este nível denota-se que alguns museus não apresentam muitas famílias

como visitantes, pois o maior desafio permanece ainda na escolha de estratégias e metodologias corretas e na programação que devem oferecer para se tornarem espaços cativantes para os grupos familiares. A Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio é um exemplo desses museus, pois as famílias têm pouco peso como visitantes, tendo sido esta a maior motivação para a proposta de atividade que se apresentou.

Concluindo, as famílias são constituídas por indivíduos com diferentes interesses e capacidades (físicas, económicas, intelectuais), de diferentes idades, ocupações e trajetórias. De forma geral, são dos segmentos de público com maior peso no número de visitantes em museus, e visitam estes espaços com objetivos específicos. Estas características podem tornar as famílias num grupo desafiante de ser servido, mas ao mesmo tempo, conferem-lhe uma certa importância para investigação.

## Referências

Almeida, M. L. S. (2003) *Uma relação prazenteira com o aprender. Os serviços educativos de museus: a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio* [em linha]. Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/42958> (Consultado: 20 agosto 2019).

Amaro, F. (2006) *Introdução à sociologia da família*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Santos, A. (2019). Famílias e museus: uma relação emergente. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaaios e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 1-17). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

Blue Star Families (s.d.) *Blue star museums parent toolkit* [pdf]. EUA: Blue Star Museums. Disponível em: [https://www.arts.gov/sites/default/files/BSM-Parent\\_Toolkit.pdf](https://www.arts.gov/sites/default/files/BSM-Parent_Toolkit.pdf) (Consultado: 20 agosto 2019).

Borun, M., Cleghorn, A. e Garfield, C. (1995) “Family learning in museums: a bibliographic review”, *Curator*, 38(4) [em linha]. Disponível em [https://www.academia.edu/6908950/Family\\_Learning\\_in\\_Museums\\_A\\_Bibliographic\\_Review](https://www.academia.edu/6908950/Family_Learning_in_Museums_A_Bibliographic_Review) (Consultado: 20 agosto 2019).

Brown, C. (1995) “Making the most of family visits: some observations of parents with children in a museum science centre”, *Museum Management and Curatorship*, 14(1), pp. 65-71.

Câmara Municipal do Porto (1996) *Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio: exposição da coleção de pintura*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

Câmara Municipal do Porto (ed.) (2016) *Brochura serviço educativo* [pdf]. Porto: Câmara Municipal do Porto.

Câmara Municipal do Porto (ed.) (2018) *Brochura serviço educativo* [pdf]. Porto: Câmara Municipal do Porto.

“Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio” (2010) *Casas com História*, episódio 2. RTP, 30 janeiro 2010.

Choya, M. (2008) *Family learning in museums: an observational study of the handling activities at the horniman museum* [em linha]. Mestrado. Universidade de Gotemburgo. Disponível em: [https://gu.se/digitalAssets/1170/1170141\\_Dissertation\\_Maria.pdf](https://gu.se/digitalAssets/1170/1170141_Dissertation_Maria.pdf) (Consultado: 20 agosto 2019).

Coelho, A. R. (2008) *Experiências de visita a um centro de ciência: um estudo qualitativo sobre o público não-escolar do pavilhão do conhecimento - ciência viva* [em linha]. Mestrado. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1440> (Consultado: 20 agosto 2019).

Denver Art Museum (2013) *Kids & their grownups: new insights on developing dynamic museum experiences for the whole family* [pdf] Denver: Denver Art Museum. Disponível em <https://denverartmuseum.org/about/research-reports> (Consultado: 20 agosto 2019).

Santos, A. (2019). Famílias e museus: uma relação emergente. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaaios e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 1-17). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

Diamond, J. (1986) "The behavior of family groups in science museums", *Curator*, 29(2) [em linha].

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/227981872\\_The\\_Behavior\\_of\\_Family\\_Groups\\_in\\_Science\\_Museums](https://www.researchgate.net/publication/227981872_The_Behavior_of_Family_Groups_in_Science_Museums) (Consultado: 20 agosto 2019).

Dias, I. (2015) *Sociologia da família e do género*. Lisboa: PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e Educação.

Falk, J. H. (1991) "Analysis of the behavior of family visitors in natural history museums: the national museum of natural history", *Curator*, 34(1), pp. 44-50.

Ferreira, I. (2001) *À descoberta dos museus do Porto: um programa para famílias*. Relatório de programa. Porto.

Ferreira, I. (2005) "As famílias e os museus – uma aprendizagem em conjunto" in Domingues, A., Silva, I., Lopes, J. T. e Semedo, A. (orgs.) *A cultura em ação: impactos sociais e território*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 55-61.

Gaskins, S. (2016) "Children's learning in museums with their families", *25th International museology and rescue excavation symposium*, pp. 451–472. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/319553058\\_Children%27s\\_Learning\\_in\\_Museums\\_with\\_their\\_Families](https://www.researchgate.net/publication/319553058_Children%27s_Learning_in_Museums_with_their_Families) (Consultado: 20 agosto 2019).

Gomes, C. (2015) "A família hoje", *Revista Portuguesa de Bioética: cadernos de bioética*, 22, pp. 9-22.

Guggenheim (2016) *Tips for parents* [pdf]. Nova Iorque: The Solomon R. Guggenheim Foundation.

Disponível em <https://www.guggenheim.org/wp-content/uploads/2016/07/guggenheim-tips-for-parents-2016.pdf> (Consultado: 20 agosto 2019).

Hilke, D. D. (1989) "Strategies for family learning in museums", *Visitor Studies*, 1(1) [em linha].

Disponível em <http://informal.science.org/strategies-family-learning-museums> (Consultado: 20 agosto 2019).

Hood, M. G. (1989) "Leisure criteria of family participation and nonparticipation in museums", *Marriage & Family Review*, 13(3–4), pp. 151–169.

Santos, A. (2019). Famílias e museus: uma relação emergente. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 1-17). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

Hooper-Greenhill, E. (1998) *Los Museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones Trea.

Jonchéry, A. e Biraud, S. (2014) “Musées en famille, familles au musée: de l’expérience de visite des familles à des politiques muséales spécifiques”, *Informations Sociales*, 181 [em linha]. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-informations-sociales-2014-1-page-86.htm>UR (Consultado: 20 agosto 2019).

Moderno, A. L. (2016) *Famílias no museu: Uma intervenção através do teatro no museu da comunidade concelhia da Batalha*. Mestrado. Instituto Politécnico de Leiria [em linha]. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/2313> (Consultado: 20 agosto 2019).

Murdock, G. (1949) *Social Structure* [em linha]. Oxford: Macmillan Co. Disponível em <https://archive.org/details/socialstructurem00murd> (Consultado: 20 agosto 2019).

Osswald, H. (2015) “A Compreensão Histórica da Família”, *Revista portuguesa de bioética: cadernos de bioética*, 22, pp.31-42.

República Portuguesa (2004) “Lei Quadro dos Museus Portugueses”, *Diário da República* n.º 195/2004, Série I-A de 2004-08-19. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/480516/details/maximized> (Consultado: 20 agosto 2019).

Santos, J. C. (2014) *Públicos dos museus: um estudo qualitativo sobre as visitas em família – o caso do museu da eletricidade* [em linha]. Mestrado. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9424> (Consultado: 20 agosto 2019).

Sterry, P. e Beumont, E. (2005) *Family group visitors to museums and art galleries in the UK: Victoria & Albert museum* [em linha]. Relatório. Disponível em: [https://www.vam.ac.uk/\\_data/assets/pdf\\_file/0008/178748/family\\_groups\\_phase1\\_2005.pdf](https://www.vam.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0008/178748/family_groups_phase1_2005.pdf) (Consultado: 20 agosto 2019).

Studart, D. C. (2000) *The perceptions and behaviour of children and their families in child-orientated museum exhibitions* [em linha]. Doutoramento. University College London. Disponível em: <http://discovery.ucl.ac.uk/1318009/1/313336.pdf> (Consultado: 20 agosto 2019).

Santos, A. (2019). Famílias e museus: uma relação emergente. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 1-17). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

Wu, K. (2007) “What do families with children need from a museum?”, *Cultural Policy, Criticism and Management Research*, 2 [online]. Disponível em:  
[https://culturalpolicyjournal.files.wordpress.com/2011/05/ejournal2\\_wu.pdf](https://culturalpolicyjournal.files.wordpress.com/2011/05/ejournal2_wu.pdf) (Consultado: 20 agosto 2019).